

Examine a propaganda.



- Considerando o contexto da propaganda, existe alguma relação de sentido entre a imagem estilizada dos dedos e as palavras “digital” e “diferença”? Explique.
- Sem alterar o modo verbal, reescreva o trecho “Venha para a biometria. Cadastre suas digitais.”, passando os verbos para a primeira pessoa do plural e fazendo as modificações necessárias.

Resolução

- Digital** é um adjetivo substantivado relativo a “dedos”, figurados na imagem como pessoas, ou seja, representando as individualidades de cada eleitor, assim como de suas impressões digitais. Quanto ao termo “diferença”, ele se refere tanto a essa individualidade quanto à importância de cada voto para a manutenção da democracia. Cabe lembrar que o anúncio publicitário é de utilidade pública, pois divulga a necessidade de os eleitores fazerem o cadastro biométrico que será utilizado nas próximas eleições.
- Reescrevendo a frase do anúncio, tem-se: “Venhamos para a biometria. Cadastremos nossas digitais”, pois os verbos de ambas as frases se encontram no modo imperativo afirmativo, os quais, transpostos para a primeira pessoa do plural, são derivados do presente do subjuntivo.

Leia o texto e responda ao que se pede.

Da idade

Não posso aprovar a maneira por que entendemos a duração da vida. Vejo que os filósofos lhe assinam um limite bem menor do que o fazemos comumente. (...) Os [homens] que falam de uma certa duração normal da vida, estabelecem-na pouco além. Tais ideias seriam admissíveis se existisse algum privilégio capaz de os colocar fora do alcance dos acidentes, tão numerosos, a que estamos todos expostos e que podem interromper essa duração com que nos acenam. E é pura fantasia imaginar que podemos morrer de esgotamento em virtude de uma extrema velhice, e assim fixar a duração da vida, pois esse gênero de morte é o mais raro de todos. E a isso chamamos morte natural como se fosse contrário à natureza um homem quebrar a cabeça numa queda, afogar-se em algum naufrágio, morrer de peste ou de pleurisia; como se na vida comum não esbarrássemos a todo instante com esses acidentes. Não nos iludamos com belas palavras; não denominemos natural o que é apenas exceção e guardemos o qualificativo para o comum, o geral, o universal.*

Morrer de velhice é coisa que se vê raramente, singular e extraordinária e portanto menos natural do que qualquer outra. É a morte que nos espera ao fim da existência, e quanto mais longe de nós menos direito temos de a esperar.

Michel de Montaigne, **Ensaaios**. Editora 34. Trad. de Sérgio Milliet.

*assinar: fixar, indicar.

- a) No texto, o autor retifica o que corriqueiramente se entende por “morte natural”? Justifique.
- b) A que palavra ou expressão se referem, respectivamente, os pronomes destacados no trecho “Vejo que os filósofos lhe assinam um limite bem menor do que o fazemos comumente”?

Resolução

- a) **O autor argumenta que a ideia de morte natural (“morrer de esgotamento em virtude uma extrema velhice”) é na verdade uma exceção, poucas vezes acontece, sendo, portanto, pouco natural. Também salienta que é natural morrer de acidentes ou de doenças, já que não vai contra a natureza do homem falecer ao sofrer algum trauma físico.**
- b) **O pronome pessoal oblíquo “lhe” refere-se a “duração da vida”; o pronome demonstrativo “o” refere-se a “limite”.**

Examine a transcrição do depoimento de Eduardo Koge, líder indígena de Tadarimana, MT.

Nós vivemos aqui que nem gado. Tem a cerca e nós não podemos sair dessa cerca. Tem que viver só do que tem dentro da cerca. É, nós vivemos que nem boi no curral.

Paulo A. M. Isaac,

Drama da educação escolar indígena Bóe-Bororo.

- a) Nos trechos “Tem a cerca...” e “Tem que viver...”, o verbo “ter” assume sentidos diferentes? Justifique.
- b) Reescreva, em um único período, os trechos “Nós vivemos aqui que nem gado” e “nós não podemos sair dessa cerca”, empregando discurso indireto. Comece o período conforme indicado na página de respostas.

O líder indígena disse que _____

Resolução

- a) O verbo “ter” assume significados diferentes em cada uma das ocorrências. Em “tem a cerca”, assume o sentido de “haver, existir”; e em “tem que viver”, “é preciso, é necessário”.
- b) Transpondo-se o trecho em um só período para o discurso indireto, tem-se: “O líder indígena disse que eles viviam lá que nem gado e não podiam sair daquela cerca”.

Leia o texto.

Um tema frequente em culturas variadas é o do desafio à ordem divina, a apropriação do fogo pelos mortais. Nos mitos gregos, Prometeu é quem rouba o fogo dos deuses. Diz Vernant que Prometeu representa no Olimpo uma vozinha de contestação, espécie de movimento estudantil de maio de 1968. Zeus decide esconder dos homens o fogo, antes disponível para todos, mortais e imortais, na copa de certas árvores — os freixos — porque Prometeu tentara tapeá-lo numa repartição da carne de um touro entre deuses e homens.

Na mitologia dos Yanomami, o dono do fogo era o jacaré, que cuidadosamente o escondia dos outros, comendo taturanas assadas com sua mulher sapo, sem que ninguém soubesse. Ao resto do povo — animais que naquela época eram gente — eles só davam as taturanas cruas. O jacaré costumava esconder o fogo na boca. Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir e soltar as chamas. Todos fazem coisas engraçadas, mas o jacaré fica firme, no máximo dá um sorrisinho.

Betty Mindlin, O fogo e as chamas dos mitos.

Revista Estudos Avançados. Adaptado.

- a) O emprego do diminutivo nas palavras “vozinha” e “sorrisinho”, consideradas no contexto, produz o mesmo efeito de sentido nos dois casos? Justifique.
- b) Reescreva o trecho “Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir (...)”. Todos fazem coisas engraçadas”, substituindo o verbo “fazer” por sinônimos adequados ao contexto em duas de suas três ocorrências.

Resolução

- a) O emprego do diminutivo não produz o mesmo efeito de sentido nas palavras indicadas. Em “vozinha”, minimiza-se a contestação de Prometeu à ordem vigente no Olimpo, comparando essa rebeldia à do movimento estudantil de maio de 1968. Quanto a “sorrisinho”, o diminutivo evidencia que o jacaré percebeu a cilada preparada pelos outros animais e, de forma irônica, não gargalha, apenas sorri, quebrando a expectativa de seus provocadores.
- b) Reescrevendo, tem-se: “Os outros decidem *promover (produzir, efetuar)* uma festa para *levá-lo (estimulá-lo, incentivá-lo)* a rir (...). Todos *realizam (praticam, elaboram)* coisas engraçadas”. Há outras possibilidades e somente dois verbos deveriam ser substituídos.

Leia o texto.

No Brasil colonial, o indissolúvel vínculo do matrimônio, tal como ele era concebido pela Igreja Católica, nem sempre terminava com a morte natural de um dos cônjuges. A crise do casamento assumia várias formas: a clausura das mulheres, enquanto os maridos continuavam suas vidas; a separação ou a anulação do matrimônio decretadas pela Igreja; a transgressão pela bigamia ou mesmo pelo assassinio do cônjuge.

Maria Beatriz Nizza da Silva, **História da Família no Brasil Colonial**. Adaptado.

- a) No texto, que ideia é sintetizada pela palavra “crise”?
- b) Reescreva a oração “tal como ele era concebido pela Igreja Católica”, empregando a voz ativa e fazendo as adaptações necessárias.

Resolução

- a) **O termo “crise”, no texto, sintetiza todo e qualquer conflito matrimonial, que desmente a concepção do caráter indissolúvel do matrimônio.**
- b) **Passando-se a frase na voz passiva para a ativa, tem-se: “tal como a Igreja Católica o concebia (ou concebia-o). O pronome oblíquo “o” refere-se a “vínculo do matrimônio”.**

Leia o texto.

A complicada arte de ver

Ela entrou, deitou-se no divã e disse: "Acho que estou ficando louca". Eu fiquei em silêncio aguardando que ela me revelasse os sinais da sua loucura. "Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões é uma alegria! Entretanto, faz uns dias, eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal sem surpresa. Mas, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente, a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte para ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora, tudo o que vejo me causa espanto."

Ela se calou, esperando o meu diagnóstico. Eu me levantei, fui à estante de livros e de lá retirei as "Odes Elementares", de Pablo Neruda. Procurei a "Ode à Cebola" e lhe disse: "Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro: 'Rosa de água com escamas de cristal'. Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta... Os poetas ensinam a ver".

Rubem Alves, **Folha de S.Paulo**, 26/10/2004. Adaptado.

- a) Segundo a concepção do autor, como a poesia pode ser entendida?
- b) Reescreva o trecho "Agora, tudo o que vejo me causa espanto.", substituindo o termo sublinhado por "Naquela época" e empregando a primeira pessoa do plural. Faça as adaptações necessárias.

Resolução

- a) **Rubem Alves conta um episódio em que uma personagem, antes acostumada com a função pragmática da cebola como mero alimento, surpreende-se ao descobrir a beleza nunca antes vista nesse vegetal, com seus "anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles". Essa narrativa permite inferir o conceito de arte defendida pelo autor: a produção de um olhar diferente, inusitado sobre a realidade, destacando não o aspecto prático, utilitário, mas a disposição para o espanto diante da beleza. A arte passa a ser, portanto, fruto de uma nova percepção do convencional, do banal, do cotidiano.**

- b) O trecho apresentado, reescrito, passa a ser “Naquela época, tudo o que víamos nos causava espanto”.

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

Leia o texto e responda ao que se pede.

— *Não veem teus olhos lá o formoso jacarandá, que vai subindo às nuvens? A seus pés ainda está a seca raiz da murta* frondosa, que todos os invernos se cobria de rama e bagos vermelhos, para abraçar o tronco irmão. Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto.*

José de Alencar, **Iracema**.

* murta: arbusto, árvore pequena.

- a) É possível relacionar a imagem da murta ao destino de Iracema no romance? Explique.
- b) A frase “Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto” pode ser entendida como uma alegoria do processo de colonização do Brasil? Explique.

Resolução

- a) **Nessa passagem, há um encadeamento de metáforas, que forma uma alegoria. Iracema é simbolizada pela murta, que morre. O jacarandá frondoso conota o colonizador Martim. É possível relacionar a imagem da murta que morre ao destino de Iracema, pois, assim como a raiz da planta morre para a árvore crescer, Iracema morre de paixão por Martim, é mártir do amor.**
- b) **Sim, essa frase pode ser entendida como uma alegoria do processo de colonização do país. Iracema, anagrama de América, simboliza a terra primitiva e edênica. Martim, cujo sentido etimológico é “o filho do guerreiro”, conota o colonizador luso, idealizado, com moral rigidamente cristã, segundo o narrador. A metrópole portuguesa, simbolizada por Martim, domina a terra, Iracema, fazendo com que esse mundo primitivo seja exterminado, ocasionando a extinção de uma raça, conforme José de Alencar afirma na carta após o término desse livro que elabora o mito da formação do Brasil.**

Leia o texto e responda ao que se pede.

É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: — Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.

Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

- Pode-se afirmar que, neste excerto, além de resumir a existência de D. Plácida, o narrador expressa uma certa concepção de trabalho? Justifique.
- De que maneira o ritmo textual, que caracteriza a possível resposta dos sacristãos, colabora para a caracterização de D. Plácida?

Resolução

- Sim, o narrador não só resume a existência de D. Plácida, como também expressa uma certa concepção de trabalho. D. Plácida, mulher livre e pobre, trabalha arduamente, exercendo várias funções, e acaba, posteriormente na narrativa, até mediando a relação adúltera da patroa Virgília com Brás Cubas. Na trajetória existencial de Dona Plácida, percebe-se que o trabalho não enobrece e nem dá condição decente ao homem na sociedade patriarcal e escravagista do Segundo Reinado.**
- O ritmo textual é obtido pela extensa enumeração de breves orações reduzidas de infinitivo, com ideia de finalidade, e de gerúndio, com ideia de ação durativa. Em ambos os casos, esse andamento colabora para mostrar que D. Plácida é submetida a uma vida subalterna e pobre, por imposição social. O ritmo e o sentido do texto vão ao encontro da atarefada e dura vida de D. Plácida.**

Leia o texto e atenda ao que se pede.

A MÁQUINA DO MUNDO

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,
a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.*

(...)

Carlos Drummond de Andrade, **Claro enigma**.

*carpir-se: lamentar-se.

- O ponto de vista do eu lírico em relação à “máquina do mundo” ilustra as principais características de **Claro enigma**? Justifique.
- Transcreva o verso que sintetiza o evento sublime de que trata o texto.

Resolução

- O livro *Claro Enigma* (1951), pertencente à terceira fase de Carlos Drummond de Andrade, caracteriza-se pelo questionamento metafísico e pela crise existencial. Isso afasta-se da temática social e da poética iconoclasta das fases anteriores. Em “A máquina do mundo” cuja forma e conteúdo dialogam com a poesia do poeta renascentista Dante Alighieri, há a possibilidade de o eu lírico desvendar “a total explicação da vida, / esse nexo primeiro e singular”, pois a máquina fez-lhe esse convite que é surpreendentemente rejeitado. O penúltimo poema – “A máquina do mundo” – sintetiza um percurso reflexivo e insolúvel recorrente no livro. Esse tom sombrio é evidenciado nessas quatro estrofes pelas expressões “de chumbo”, “escuridão” e, principalmente, “desenganado”. Esse sentido de perplexidade, de isolamento, é recorrente em *Claro Enigma*, como se

nota já nos dois versos iniciais do primeiro poema do livro, “Dissolução”: “Escurece, e não me seduz / tatear sequer uma lâmpada”.

- b) O verso que sintetiza o evento sublime é “a máquina do mundo se entreabriu”.



Leia o texto e responda ao que se pede.

— *É por isso que faço confiança nos angolanos. São uns confusionistas, mas todos esquecem as makas* e os rancores para salvar um companheiro em perigo. É esse o mérito do Movimento, ter conseguido o milagre de começar a transformar os homens. Mais uma geração e o angolano será um homem novo. O que é preciso é ação.*

Pepetela, **Mayombe**.

*“makas”: questões, conflitos.

- a) A fala de Comandante Sem Medo alude a uma questão central do romance **Mayombe**: um objetivo político a ser conquistado por meio do Movimento. Qual é esse objetivo?
- b) As “makas” e os “rancores” dos angolanos repercutem no modo como o romance é narrado? Explique.

Resolução

- a) A personagem Vewê, equivocadamente, ouviu gritos de “apanha vivo, apanha vivo!” e, acreditando num ataque inimigo à base, partiu em busca de ajuda. Sem Medo, ao ser informado da situação, ordenou o ataque. Reuniu todos os civis capazes de atirarem contra o inimigo, o colonizador luso. Rapidamente foi organizado um grupo que partiu para defender o grupo guerrilheiro, todos unidos em torno do mesmo objetivo, o que, segundo o Comandante, é o mérito do movimento, isto é, esquecer as diferenças pessoais e tribais, mágoas e preconceitos para “salvar um companheiro em perigo”... “o milagre de transformar os homens que originarão um novo povo angolano de ação e união”. Essa tarefa culminaria na independência de Angola, o surgimento de uma nova nação.
- b) As “makas” (conflitos, discórdias) e os “rancores” associam-se à questão do tribalismo, que dividia os guerrilheiros de Mayombe em dois grupos majoritários, os kimbundos e os kikongos, o que gera uma das principais tensões do romance, desencadeando rivalidade, desconfiança e divergência no grupo, dificultando as relações e o objetivo dos revolucionários. Essa questão do tribalismo, central do romance, reflete-se no modo de relatar a história. Nota-se a polifonia, isto é, várias vozes narrativas em que se percebem pontos de vista divergentes e tensos.

REDAÇÃO

Leia os textos para fazer sua redação.

As obras de arte assumem a função da representação da cultura de um povo desde os tempos mais remotos da história das civilizações. É através delas que o ser humano transmite uma ideia ou expressão sensível. Contudo algumas obras de arte fogem do conceito de retratação do belo e do sensível, parecendo terem sido feitas para chocar e causar polêmicas.

A principal obra do escultor inglês contemporâneo Marc Quinn é uma réplica de sua cabeça feita com cerca de 4,5 litros de seu próprio sangue – extraído ao longo de cinco meses. Uma peça nova é feita a cada cinco anos, e elas ficam armazenadas em um recipiente de refrigeração especialmente desenvolvido para elas.

<http://gente.ig.com.br/cultura>. Adaptado.

Graças aos seus três urubus, a obra “Bandeira Branca” é o acontecimento mais movimentado da 29ª Bienal [2010]. No dia da abertura, manifestantes de ONGs de proteção aos animais se posicionaram diante da instalação segurando cartazes com dizeres que pediam a libertação das aves. Chegaram a ser confundidos com a própria obra. “Me entristece o fato de que apenas os animais estejam sendo ressaltados. Espalharam informações erradas sobre como os urubus estão sendo tratados”, lamenta Nuno Ramos. Na obra, os urubus estão cercados por uma rede de proteção e têm como poleiro várias caixas de som que, de tempos em tempos, tocam uma tradicional marchinha de carnaval. As aves tinham a permanência na Bienal autorizada pelo próprio Ibama, que, depois, voltou atrás, alegando que as instalações estavam inapropriadas para a manutenção dos animais. Denúncias e proibições à parte, a obra de Nuno Ramos ganha sentido e fundamentação apenas na presença dos animais. Sem eles, a obra perde seu estatuto artístico e vira mero cenário, já que os animais são seus principais atores.

IstoÉ. 08/10/2010. Adaptado.

A exposição "Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira", realizada desde 15 de agosto no Santander Cultural, em Porto Alegre, foi cancelada após protestos em redes sociais. A mostra ficaria em cartaz até 8 de outubro, mas o espaço cultural cedeu às pressões de internautas. A seleção contava com 270 obras que tratavam de questões de gênero e diferença. Os trabalhos, em diferentes formatos, abordam a temática sexual de formas distintas, por vezes abstratas, noutras, mais explícitas. São assinados por 85 artistas, como Adriana Varejão, Candido Portinari, Ligia Clark, Yuri Firmesa e Leonilson.

Folha de S.Paulo. 10/09/2017. Adaptado.

Nos últimos dias, recebemos diversas manifestações críticas sobre a exposição “Queermuseu – Cartografias da diferença na Arte Brasileira”.

Ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição “Queermuseu” desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perdeu seu propósito maior, que é elevar a condição humana. Por essa razão, decidimos encerrar a mostra neste domingo, 10/09. Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre diversidade e outros grandes temas contemporâneos.

<https://www.facebook.com/SantanderCULTural/posts>. Adaptado.

A arte é um exercício contínuo de transgressão, principalmente a partir das vanguardas do começo do século 20. Isso dá a ela uma importância social muito grande porque, ao transgredir, ela aponta para novos caminhos e para soluções que ainda não tínhamos imaginado para problemas que muitas vezes sequer conhecíamos. A seleção dos trabalhos dos artistas para a próxima edição do festival [Videobrasil], por exemplo, me fez ver que os artistas estão muito atentos com as diversas crises que estamos vivendo e oferecem uma visão inovadora para o nosso cotidiano e acho que isso é um bom exemplo.

Solange Farkas. <https://www.nexojornal.com.br>.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **Devem existir limites para a arte?**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Comentário à proposta de Redação

O candidato deveria expor o próprio ponto de vista sobre a seguinte questão: “Devem existir limites para a arte?” Ofereceram-se cinco textos que poderiam ser utilizados como base para reflexão. O primeiro reconhecia a arte com representativa da cultura de um povo “desde os tempos mais remotos da história das civilizações”, sendo algumas obras destinadas a “chocar e causar polêmicas”. Já o segundo texto relatava as manifestações ocorridas como forma de reação à obra “Bandeira Branca”, exposta em 2010, diante da qual defensores dos animais pediam a libertação dos urubus que protagonizavam a exposição. O terceiro texto trazia informações sobre os protestos contra a exposição “Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, que foi precocemente encerrada por abordar “a temática sexual de formas distintas, por vezes abstratas; noutras, mais explícitas”. No quarto texto, o Santander Cultural, responsável pela mostra “Queermuseu”, divulgava nota em que se desculpava por ter gerado qualquer tipo de desrespeito e discórdia, comprometendo-se, porém, com “a promoção do debate sobre diversidade e outros grandes temas contemporâneos”. No último texto, Solange Farkas definia a arte como “um exercício contínuo de transgressão”, o que lhe possibilitaria oferecer uma visão inovadora de problemas que a sociedade talvez sequer conhecesse.

Após refletir sobre as ideias e informações contidas nos textos apresentados, o candidato deveria proceder à própria análise da questão. Caso optasse por defender a existência de limites para a arte, caberia citar exemplos tanto da atualidade como do passado, levando em conta seu repertório cultural, de exposições de gosto discutível, talvez afrontosas, que ultrapassariam os limites do bom senso e teriam apenas a intenção de chocar o público. Nesse caso, seria apropriado propor que houvesse debates entre a sociedade civil e a classe artística, a fim de buscar formas de evitar expor, por exemplo, crianças a mostras que poderiam despertar precocemente a sexualidade, como teria sido levantado na performance do MAM, em que um homem nu se expunha aos olhares ou ao toque dos presentes.

Caso, porém, o candidato escolhesse defender a liberdade de expressão, poderia mencionar períodos marcados pela censura e pela repressão, que condenavam qualquer forma de manifestação artística, impedindo a sociedade de assumir suas próprias escolhas. Assim, qualquer forma de imposição de limites à arte poderia abrir um perigoso precedente para a intervenção do Estado.